



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO  
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

**BOLETIM**  **de**  
**CONJUNTURA**   
DO RIO GRANDE DO SUL  
V. 4 N. 1



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Governador: Ranolfo Vieira Júnior

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO**

Secretário: Claudio Gastal

Secretária Adjunta: Izabel Matte

Subsecretário de Planejamento: Antonio Paulo Cargnin

**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA**

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

# BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 4 N. 1, abril 2022

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 4	n. 1	p. 1-20	abr. 2022
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

R. Duque de Caxias, 1691

Porto Alegre - RS - 90010-281

Fone: (51) 3216-9000

E-mail: [dee@planejamento.rs.gov.br](mailto:dee@planejamento.rs.gov.br)

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

Equipe Técnica: Fernando Ioannides Lopes da Cruz, Martinho Roberto Lazzari, Tomás

Amaral Torezani e Vanessa Neumann Sulzbach

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Normalização Bibliográfica: Leandro De Nardi

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento,  
Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n.  
1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e  
Gestão, 2019- .  
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia –  
Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de  
Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e  
Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	4
<b>1 CENÁRIO EXTERNO</b>	6
<b>2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL</b>	8
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	8
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS .....	10
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO .....	11
<b>3 CENÁRIO INTERNO — RS</b>	12
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	12
3.2 SETOR EXTERNO .....	14
3.3 MERCADO DE TRABALHO .....	15
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS .....	16
3.5 PERSPECTIVAS .....	17
<b>PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS</b>	18
<b>REFERÊNCIAS</b>	19

## SUMÁRIO EXECUTIVO

Apesar do ritmo mais lento, a economia mundial manteve sua trajetória de recuperação no 4.º trim./2021. Em termos regionais, enquanto Estados Unidos e China registraram taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) maiores que as do trimestre anterior, na série com ajuste sazonal, a Zona do Euro apresentou uma desaceleração, ainda que no terreno positivo.

As estimativas realizadas em janeiro pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial para o crescimento anualizado de 2021 apontavam para uma expansão do PIB mundial de 5,9% e 5,5% respectivamente. A velocidade da recuperação, no entanto, não foi homogênea e ainda se encontra abaixo da tendência pré-pandemia em muitas economias, especialmente nas menos desenvolvidas.

Em termos gerais, a atividade econômica global iniciou 2022 mais mal posicionada do que era esperado anteriormente, em razão de descompassos entre oferta e demanda, problemas logísticos, elevação de custos de produção, volatilidade nos preços de energia (e das *commodities* em geral), novas ondas de Covid-19 e retirada de estímulos fiscais. A essas questões somou-se o recente conflito no Leste Europeu entre Rússia e Ucrânia, que, em termos econômicos, deve trazer elevação da inflação e queda do crescimento econômico mundial.

A economia brasileira cresceu 0,5% no 4.º trim./2021, na comparação livre de efeitos sazonais com o trimestre imediatamente anterior. Mesmo que esse resultado tenha afastado o País da recessão técnica em que esteve nos dois trimestres anteriores, os desafios associados ao cenário internacional descrito acima, e aos problemas internos, permanecem para 2022.

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o PIB do Brasil cresceu 1,6%, e, no acumulado do ano, a expansão foi de 4,6%, maior taxa anual desde 2010. Com esses resultados, o PIB encontra-se 0,5% acima do nível pré-pandemia, observado no 4.º trim./2019, mas ainda 2,8% abaixo do pico de atividade anterior, verificado no 1.º trim./2014.

Mais recentemente, os primeiros números da atividade econômica de 2022 traduzem as dificuldades já observadas nos meses anteriores para a consolidação da recuperação. Em janeiro de 2022, na comparação com dezembro de 2021, houve quedas na produção industrial, nas vendas do comércio e nos serviços.

A inflação seguiu em patamar elevado, com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses alcançando variação de 10,5% em fevereiro de 2022. Destaca-se o comportamento generalizado do aumento dos preços, com o índice de difusão chegando a 74,8% dos produtos no segundo mês do ano. A soma desse cenário interno com a eclosão da guerra e seus efeitos sobre os preços, principalmente da *commodities*, tornou ainda mais desafiador o enfrentamento da inflação por parte do Banco Central do Brasil (BCB). Nesse contexto, o Comitê de Política Monetária (Copom) do BCB acelerou a majoração da taxa Selic, que alcançou 11,75% a.a. em março.

Pelo lado das contas públicas, houve continuidade no processo de melhora do resultado primário do setor público consolidado, que encerrou janeiro com superávit de 1,2% do PIB no acumulado dos últimos 12 meses. O comportamento da dívida pública permaneceu em trajetória de melhora iniciada em 2021, com a dívida líquida do setor público (DLSP) alcançando 56,6% do PIB em janeiro de 2022, 5,6 pontos abaixo do patamar de dezembro de 2020. O mesmo ocorreu com a dívida bruta do Governo geral (DBGG), que foi reduzida de 88,8% em dezembro de 2020 para 79,6% do PIB em janeiro de 2022. Para 2022, entretanto, houve piora nas projeções das variáveis acima, notadamente a partir dos efeitos esperados da "PEC dos precatórios" e da guerra na Ucrânia.

De maneira geral, as expectativas para 2022 permanecem cercadas de incertezas. O risco de novas variantes do novo coronavírus, a inflação e os juros altos, a desorganização das cadeias globais de suprimento e os efeitos da guerra são as principais questões que impactarão a economia brasileira ao longo do ano.

A economia gaúcha apresentou, no 4.º trim./2021, crescimento de 3,3% em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Tal expansão veio após queda verificada no 3.º trim./2021, quando o desempenho negativo da agropecuária foi determinante para a retração. O aumento do PIB no último trimestre do ano esteve associado ao crescimento do Valor Adicionado Bruto (VAB) de todos os três setores, notadamente da agropecuária (12,9%) e da indústria (2,1%), enquanto os serviços cresceram apenas 0,3% nessa base de comparação.

No acumulado do ano, a taxa de expansão de 10,3%, a maior taxa anual desde 1993, deve ser entendida como resultado da forte recuperação da economia gaúcha após um ano (2020) de importantes quedas

ocorridas na agropecuária, na indústria e nos serviços. No primeiro caso, pelos efeitos da estiagem, e nos dois últimos, principalmente pelos efeitos da pandemia do novo coronavírus. Nesse contexto, a agropecuária cresceu 67,5%, a indústria, 9,7%, e os serviços, 4,1%.

Como resultado do desempenho de 2021, o PIB do Rio Grande do Sul alcançou seu terceiro maior nível, ficando abaixo apenas do registrado no 2.º trim./2021, período do maior impacto da recuperação da safra em 2021, e do 2.º trim./2013, trimestre anterior ao início da grande recessão por que passou o Brasil e, por consequência, o Rio Grande do Sul.

Ao mesmo tempo que a agropecuária apresentou expressivo crescimento, os preços dos principais produtos agrícolas do Estado permaneceram em patamares elevados. Por outro lado, houve expansão dos custos, alimentados ainda mais a partir das restrições de oferta de fertilizantes da Rússia.

A indústria de transformação registrou crescimento de 11,8% no acumulado do ano. Entretanto, dentro do próprio ano de 2021, a produção industrial gaúcha não teve um bom desempenho. O nível de dezembro de 2021 encontrava-se 4,7% abaixo do nível de dezembro de 2020. No começo de 2022, a produção industrial do Estado apresentou pequena elevação, demonstrando poucos sinais de uma expansão mais robusta o restante do ano.

As vendas do comércio também tiveram expressivo crescimento em 2021. O VAB do setor cresceu 6,6% no acumulado do ano, em relação a 2020. Mas, de modo parecido com o desempenho da indústria de transformação, o comércio também apresentou retração dentro do ano. Após atingir um pico em maio, o volume de vendas passou a cair de forma consistente. Em janeiro de 2022, o nível encontrava-se 10,1% abaixo do verificado no quinto mês do ano anterior.

Os serviços, setor que mais demorou para recuperar as perdas ocasionadas pela pandemia, cresceram de forma praticamente ininterrupta até agosto de 2021. A partir desse mês, seu volume manteve-se em patamar relativamente estável, mostrando certa perda de tração.

Dentro do quadro de recuperação da economia mundial, o mercado externo vem contribuindo de forma bastante positiva para a expansão da atividade econômica do Estado. No acumulado de 2021, as exportações gaúchas alcançaram o valor de US\$ 21.133,4 milhões, um crescimento de 50,3% em relação a 2020. Nos primeiros dois meses de 2022, o desempenho foi

ainda mais positivo, com crescimento de 63,6% em relação ao mesmo período do ano anterior.

O mercado de trabalho do 4.º trim./2021 continuou a apresentar melhora, notadamente na ocupação e na taxa de desocupação. Também manteve um quadro positivo a geração de empregos formais, que registrou um saldo de 132.000 pessoas no acumulado dos 12 meses terminados em janeiro de 2022. Essa melhora nos principais indicadores da ocupação não foi acompanhada pela massa real de rendimentos, que apresentou queda de 1,7% em relação ao mesmo trimestre de 2020.

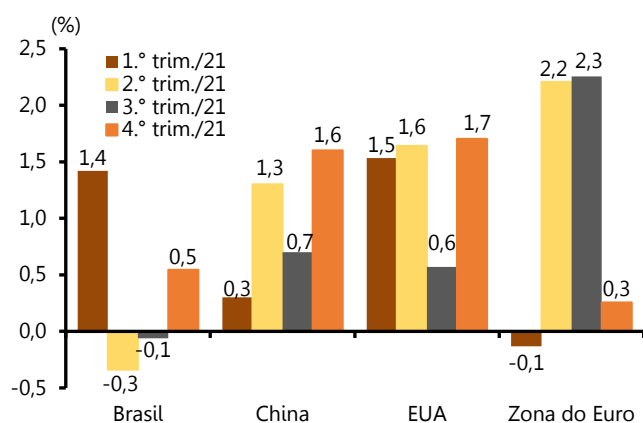
A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) foi influenciada positivamente pela recuperação da economia ao longo de 2021. A preços constantes, o valor arrecadado nesse ano foi 16,7% superior ao verificado em 2020. Esse expressivo desempenho arrefeceu nos dois primeiros meses de 2022, com queda, em termos reais, de 0,6% em relação ao mesmo bimestre do ano anterior. Tal movimento esteve associado, em grande parte, à queda de 6,4% na arrecadação do comércio, setor que vem apresentando um mau desempenho nos últimos meses.

As perspectivas da economia gaúcha para 2022 são bastante ruins. À piora dos cenários internacional e nacional, que já afeta os desempenhos da indústria, do comércio e dos serviços, é adicionada, no caso do Rio Grande do Sul, a questão da estiagem, velha conhecida e que sempre traz enormes prejuízos para a economia do Estado.

## 1 CENÁRIO EXTERNO

A economia mundial continuou a sua trajetória de recuperação do impacto contínuo da crise do coronavírus no 4.º trim./2021, embora em ritmo fraco. Estados Unidos e China, assim como o Brasil, registraram taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) maiores que as do trimestre anterior, na comparação com ajuste sazonal (**Gráfico 1.1**). Por outro lado, a Zona do Euro apresentou uma desaceleração, ainda que no terreno positivo. O avanço de novos casos da variante Ômicron ao redor do mundo, no final do último trimestre de 2021, levou à reimposição de restrições à mobilidade e interrupções nas operações de indústrias e estabelecimentos, o que afetou a atividade econômica de muitas economias de forma heterogênea.

**Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 1.º trim./2021-4.º trim./2021**



Fonte: OECD (2022b).

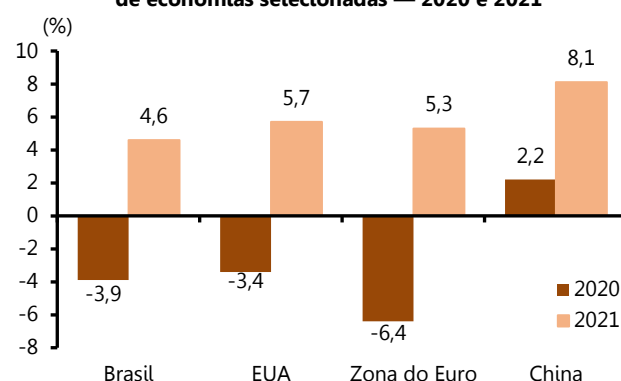
Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

Nos Estados Unidos, o aumento do PIB no quarto trimestre, na margem, decorreu especialmente pela expansão do investimento privado, das exportações e dos gastos com consumo pessoal. Na China, o aumento da produção industrial e dos investimentos contribuíram para o resultado positivo. Já na Zona do Euro, os investimentos e o aumento dos estoques contrabalancearam a queda no consumo das famílias pela onda de infecções por Covid-19. Enquanto França (0,7%) e Itália (0,6%) apresentaram taxas positivas de crescimento, a Alemanha viu sua economia retrair 0,3% em relação ao terceiro trimestre. Já a economia do Reino Unido cresceu 1,0% no quarto trimestre, na mesma base de comparação.

Em termos anuais, o PIB mundial avançou em relação a 2020, ano de eclosão da crise do coronavírus.

As estimativas realizadas em janeiro pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial apontavam para um crescimento do PIB mundial em 2021 de 5,9% e 5,5% respectivamente. O **Gráfico 1.2** expõe os efeitos desiguais entre economias selecionadas tanto na retração de 2020 quanto na posterior recuperação de 2021. Entretanto essa recuperação não é generalizada e ainda se encontra em um nível abaixo da tendência pré-pandemia para muitas economias, especialmente para as menos desenvolvidas, e deve permanecer assim nos próximos anos.

**Gráfico 1.2 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) anual de economias selecionadas — 2020 e 2021**



Fonte: OECD (2022a).

Nota: Taxas em relação ao ano anterior.

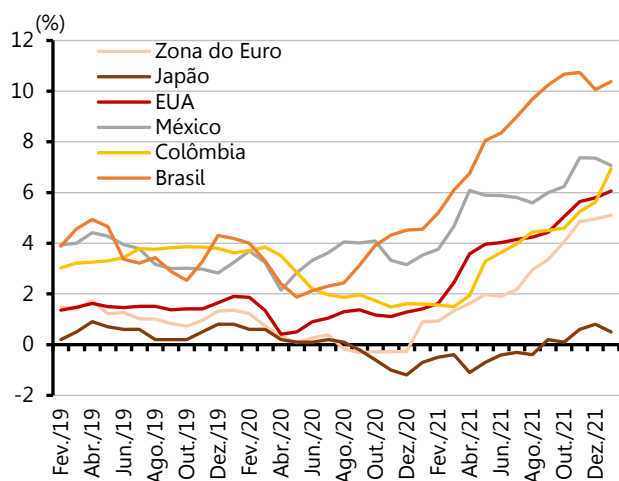
As projeções para a atividade econômica em 2022 realizadas em janeiro sofreram revisões baixistas em relação às projeções anteriores do FMI e do Banco Mundial (para 4,4% e 4,1% respectivamente). Em ambos os casos, a atualização negativa decorre de uma expectativa de menor crescimento das economias avançadas, sobretudo dos Estados Unidos, e da China. No caso dos Estados Unidos, isso decorreria da retirada de pacotes de estímulos fiscais e da antecipação de uma política monetária menos acomodatória, a partir da sinalização por parte do Federal Reserve (FED) de um aumento em sua taxa básica de juros pela escalada da inflação. No caso da China, as contínuas políticas de tolerância zero com a Covid-19, o estresse financeiro oriundo do setor imobiliário e a lenta recuperação do consumo das famílias afetam sua perspectiva de crescimento.

Em termos gerais, a atividade econômica global iniciou 2022 mais mal posicionada do que era esperado anteriormente, tanto por questões persistentes desde 2021 quanto por novos fatores. Os prolongados descompassos entre oferta e demanda, gargalos e rupturas nas cadeias de produção e de abastecimento, elevação nos custos de produção, volatilidade nos preços de energia (e das *commodities* em geral), pressões



salariais localizadas, bem como a maior demanda por bens duráveis alimentaram fortes pressões inflacionárias ao redor do mundo (**Gráfico 1.3**). A mudança de postura por parte dos principais bancos centrais no sentido elevação das taxas básicas de juros pode trazer riscos para a estabilidade financeira e os fluxos de capital nas economias emergentes. Ademais, novas ondas de Covid-19, retirada de estímulos fiscais e dificuldades no preenchimento de vagas no mercado de trabalho também continuam a afetar a economia mundial. Os Purchasing Manager's Index (PMI) globais de janeiro apontam para uma desaceleração do ritmo de crescimento da atividade produtiva, especialmente no setor de serviços, com uma ligeira melhora em fevereiro.

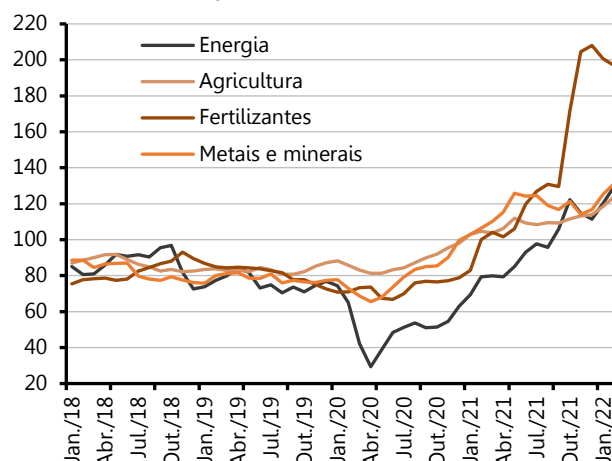
**Gráfico 1.3 - Inflação anual de economias selecionadas — fev./2019-jan./2022**



Fonte: OECD (2022b).

Na esteira da recuperação moderada de uma economia mundial que já vinha debilitada no final de 2021, os recentes desenvolvimentos do conflito no Leste Europeu entre Rússia e Ucrânia também já se traduzem em danos econômicos globais (além de humanitários, com aumento do fluxo de refugiados), os quais podem ser ainda maiores e duradouros, especialmente em termos de segurança energética e alimentar. Como esses países são importantes produtores e exportadores de *commodities* (petróleo, gás natural, milho, trigo, fertilizantes e metais e minerais usados na indústria), o conflito contribuiu para a disparada de seus preços (**Gráfico 1.4**), alimentando a inflação global e prejudicando cadeias produtivas ao redor do mundo. Ademais, o conflito e as sanções dele decorrentes também afetam a esfera financeira, com o aperto das condições monetárias, aumento do preço de ativos, maior aversão ao risco, estímulo à saída de capitais de economias emergentes e depreciações cambiais em muitas economias.

**Gráfico 1.4 - Índice de preço de grupos de commodities — jan./2018-fev./2022**

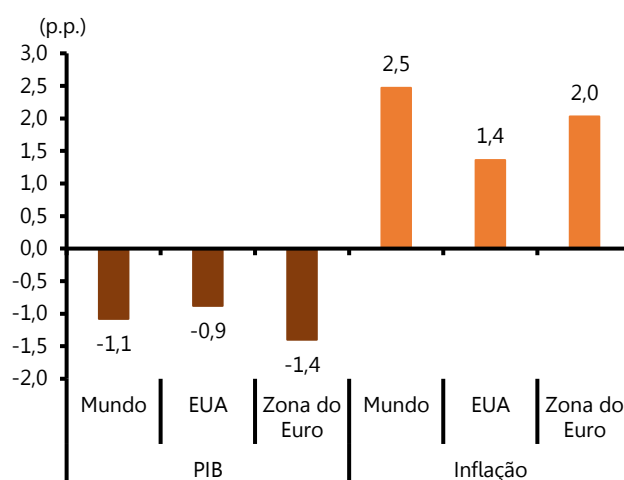


Fonte: Banco Mundial (2022b).

Nota: Os índices têm como base 2010 = 100.

Dentro das incertezas quanto à magnitude e duração do conflito, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) (2022a) estima que o crescimento econômico global pode ser reduzido em mais de um ponto percentual e a inflação mundial aumentada em cerca de 2,5 p.p. após um ano do início do conflito (**Gráfico 1.5**). Esses impactos seriam sentidos no mundo todo, mas, particularmente, nos Estados Unidos (importador de petróleo da Rússia) e na Europa (importadora de gás natural da Rússia).

**Gráfico 1.5 - Estimativas de impacto do conflito entre Rússia e Ucrânia no Produto Interno Bruto (PIB) e na inflação de economias selecionadas no primeiro ano completo após o início do conflito**



Fonte: OECD (2022a).

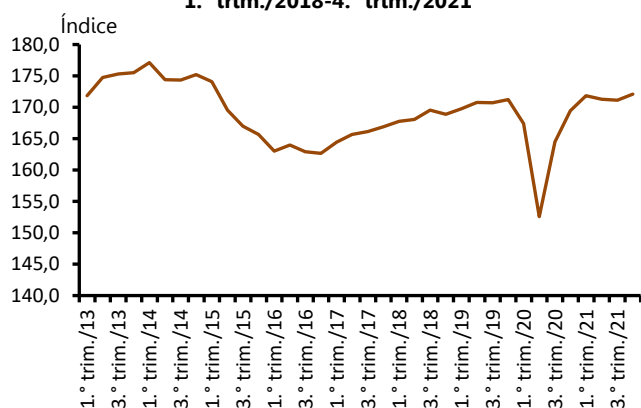
## 2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

### 2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O resultado do PIB do 4.º trim./2021 foi positivo, afastando o País da recessão técnica em que esteve nos dois trimestres anteriores. Contudo, permanecem ainda as dificuldades associadas às restrições de oferta global, à aceleração inflacionária, aos altos custos de energia e de transportes e a riscos ligados ao recrudescimento da pandemia, a exemplo da variante Ômicron, no fim de novembro. Por outro lado, o avanço da vacinação e a consequente redução do isolamento foram os principais contrapesos no período.

Na comparação com o 3.º trim./2021, com ajuste sazonal, houve avanço de 0,5% no PIB, enquanto o crescimento sem ajuste sazonal sobre o mesmo trimestre do ano anterior foi de 1,6%. No acumulado, o PIB cresceu 4,6% em 2021, maior taxa anual desde 2010, quando cresceu 7,5%. Recorda-se que ambos os anos foram caracterizados pela recuperação em relação a severas recessões: a crise financeira global e a crise da Covid-19 respectivamente. Com esses resultados, o PIB encontra-se 0,5% acima do nível pré-pandemia, observado no 4.º trim./2019, e 2,8% abaixo do pico de atividade anterior, verificado no 1.º trim./2014, segundo Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos (Codace) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) (**Gráfico 2.1**).

**Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2018-4.º trim./2021**



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2022g).  
 Nota: Os índices têm como base a média de 1995 = 100.

A **Tabela 2.1** apresenta as taxas de crescimento dos componentes do PIB pela ótica da oferta e da demanda. Entre as atividades, na comparação com o mesmo período do ano anterior, apenas os serviços tiveram crescimento (3,3%), enquanto a agropecuária

(-0,8%) e a indústria (-1,3%) recuaram. Na comparação com o 3.º trim./2021, com ajuste sazonal, agropecuária e serviços cresceram 5,8% e 0,5%, respectivamente, enquanto indústria teve contração de 1,2%.

**Tabela 2.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos, do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, pelas óticas da oferta e da demanda, no Brasil — 4.º trim./2021**

(%)		
ATIVIDADES	4º TRIM/2021 3º TRIM/2021 (1)	4º TRIM/2021 4º TRIM/2020
<b>PIB</b> .....	0,5	1,6
<b>Ótica da oferta</b>		
Impostos .....	-	2,2
VAB .....	0,6	1,6
Agropecuária .....	5,8	-0,8
Indústria .....	-1,2	-1,3
Serviços .....	0,5	3,3
<b>Ótica da demanda</b>		
Consumo das famílias .....	0,7	2,1
Consumo do Governo .....	0,8	2,8
Formação Bruta de Capital Fixo	0,4	3,4
Exportações .....	-2,4	3,3
Importações .....	0,5	3,7

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2022g).

(1) Com ajuste sazonal.

A agropecuária, apesar do crescimento expressivo na margem, foi fortemente impactada pela estiagem nos últimos trimestres. Na comparação com o 4.º trim./2020, a atividade foi afetada negativamente por produtos relevantes da safra no trimestre, como cana-de-açúcar e mandioca, além da pecuária. Por outro lado, lavouras de trigo, fumo e laranja contrabalançaram, em parte, esses resultados

A indústria, na margem, apresenta a terceira queda consecutiva no ano. Entre as quatro atividades, apenas construção civil teve avanço (1,5%), enquanto as indústrias extrativa, de transformação e de eletricidade e gás, água, esgoto, atividade de gestão de resíduos, caíram 2,4%, 2,5% e 0,2% respectivamente. Por outro lado, a taxa trimestral aponta o pior resultado da indústria desde o 2.º trim./2020, devido à forte queda da transformação (-6,9%).

Pesaram nesse cenário fatores de oferta, como a crise hídrica e o custo de transporte. Embora o primeiro tenha sido amenizado com a volta das chuvas nos últimos meses de 2021, melhorando o nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas em diversos estados, a bandeira de escassez hídrica segue em vigor, pressionando custos. Ademais, a escassez de *containers* e o dólar em patamares elevados, em um trimestre

tipicamente caracterizado pela alta movimentação de mercadorias, aliados à alta do preço internacional do petróleo, foram fatores que encareceram o frete internacional. Ao mesmo tempo, a quebra da safra de cana-de-açúcar e o aumento dos preços do petróleo no mercado externo, repassado, ainda que com alguma defasagem, pela Petrobrás, impactaram o preço dos combustíveis e o custo dos transportes em todo o País.

Em contraposição, os serviços performaram bem, tanto na comparação com o 3.º trim./2021 quanto com o 4.º trim./2020. Esses resultados podem ser associados ao avanço da vacinação e à consequente redução do isolamento. No fim de dezembro, o País tinha 67% da população com duas doses da vacina, patamar superior, por exemplo, ao observado nos Estados Unidos, com 63%, onde a vacinação iniciou antes e em maior disponibilidade. Diante disso, em dezembro, foi possível testemunhar em todos os tipos de estabelecimentos para os quais os dados são disponibilizados (varejo e lazer, mercados e farmácias, parques, estações de transporte público, locais de trabalho e residências), pela primeira vez, níveis de mobilidade superiores aos observados antes da pandemia, na série histórica do Google Mobility<sup>1</sup>.

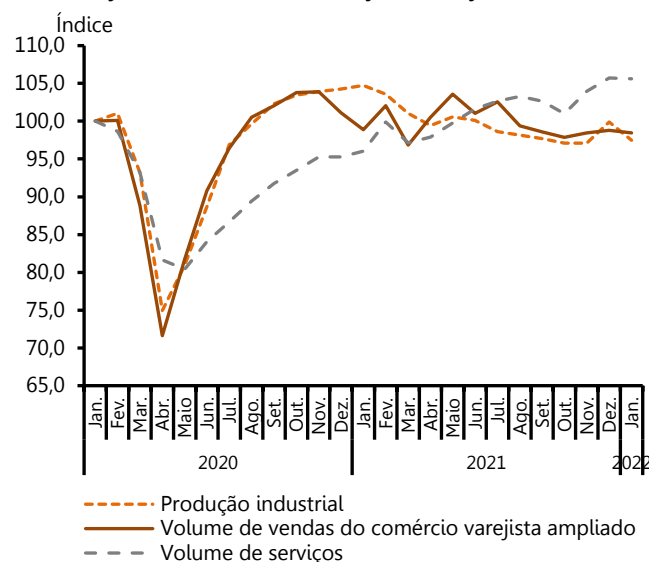
Comparando-se o quarto trimestre do ano com o trimestre imediatamente anterior, quatro atividades dos serviços apresentaram crescimento: informação e comunicação (3,4%), transporte, armazenagem e correio (2,6%) e administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (1,0). Por sua vez, atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados ficaram estáveis (0,0%), enquanto comércio teve sua terceira queda consecutiva (-2,0), e atividades imobiliárias, sua segunda queda (-0,4%).

Pela ótica da demanda, apenas as exportações tiveram contração na margem, enquanto, na comparação com o mesmo período do ano anterior, todos os componentes cresceram. Com o aumento da ocupação e a expansão de crédito a pessoas físicas, o consumo das famílias avançou, apesar da alta da inflação, que tem corroído a massa real de rendimentos, e do cenário de juros mais restritivo. Ademais, o aumento da mobilidade também contribuiu para o maior consumo, sobretudo de serviços. Em ambas as bases de comparação, o consumo do Governo também foi um destaque positivo no avanço do PIB no trimestre. Quanto à Formação Bruta de Capital Fixo, seu crescimento foi puxado pelo maior consumo de máquinas e equipamen-

tos e pelo avanço da construção civil. Por fim, as exportações líquidas impactaram negativamente o resultado trimestral do PIB, seja pela queda nas exportações e avanço das importações na margem, seja pelo maior crescimento das importações do que das exportações na comparação com o 4.º trim./2020.

Mais recentemente, os primeiros números da atividade econômica em 2022 traduzem as dificuldades já observadas nos meses anteriores e enfrentadas pelos diversos setores para a consolidação da recuperação. Após alta em dezembro, a produção industrial teve nova queda, de 2,4% contra dezembro e de 7,2% contra janeiro de 2021. O comércio varejista ampliado seguiu o mesmo padrão, caindo 0,3% em janeiro, na comparação com dezembro, e 1,5% em relação ao mesmo mês do ano passado. Ambos os setores se encontram abaixo do nível observado em janeiro de 2020, respectivamente, 2,5% e 1,5%. Apenas os serviços superaram o patamar pré-pandemia, mesmo com a leve queda observada na margem em janeiro, de 0,1%. Na comparação com janeiro de 2021, o crescimento foi de 9,5% (Gráfico 2.2).

**Gráfico 2.2 - Produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços com ajuste sazonal no Brasil — jan./2020-jan./2022**



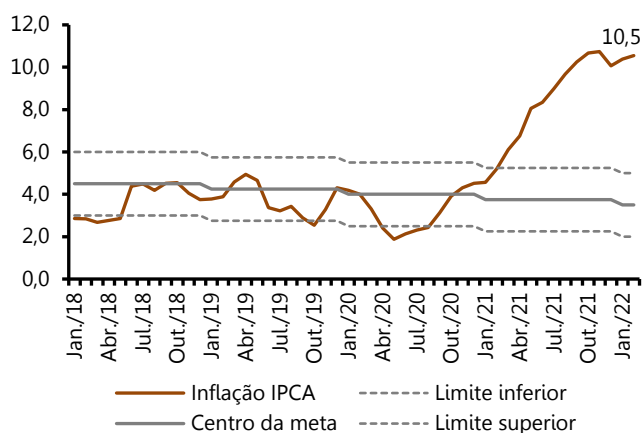
Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2022c).  
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2022d).  
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2022e).  
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100

<sup>1</sup> Disponível em: <https://cutt.ly/1A4qikd>. Acesso em: 14 de mar. 2022.

## 2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

A inflação seguiu em patamar elevado. A variação acumulada em 12 meses do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) alcançou 10,5% em fevereiro (Gráfico 2.3). Os preços industriais mantiveram ritmo de elevação e alcançaram 13% na mesma base de comparação. Os serviços, que contribuíram para amenizar o índice ao longo de 2020 e início de 2021 com taxas acumuladas inferiores a 2%, alcançaram, em fevereiro, 5,9%.

**Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2017-fev./2022**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2022a).  
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2022a).

Os preços dos transportes seguiram com uma das maiores taxas acumuladas nos últimos 12 meses (18,3%), porém um pouco inferior ao patamar alcançado em dezembro (21,0%). Habitação, artigos de residência e vestuário, por outro lado, apresentaram aceleração e alcançaram, respectivamente, 14,6%, 14,4% e 12,1%.

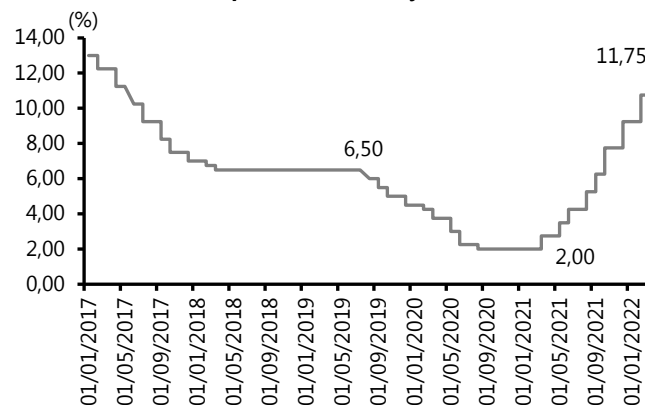
Mais uma vez, destaca-se o comportamento generalizado do aumento dos preços. O índice de difusão — que mede a quantidade de produtos analisados que apresentou alta no período — voltou a aumentar nos últimos três meses, alcançando 74,8% em fevereiro. Ou seja, de cada quatro produtos avaliados na pesquisa de inflação, três deles sofreram elevação no período.

A expectativa de arrefecimento do atual processo inflacionário foi afetada negativamente pelo conflito entre Rússia e Ucrânia, iniciado em meados de fevereiro. O choque de oferta mundial que dele decorre já gerou efeitos sobre os preços internos da gasolina, por

exemplo, e deve seguir pressionando preços de *commodities* energéticas e agrícolas, além de possíveis efeitos sobre algumas cadeias de abastecimento.

Em meio a esse cenário, ainda mais desafiador do que se projetava no final do ano passado, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB) acelerou a majoração da taxa Selic, que alcançou 11,75% a.a. em março (Gráfico 2.4). Antes da guerra, esse era o maior patamar esperado para a Selic em 2022. Atualmente, o **Relatório Focus**<sup>2</sup> do BCB aponta para expectativas de taxa de juros na ordem de 13% em 2022. O aperto monetário mais do que esperado inicialmente impõem maiores desafios para o cenário econômico desse ano.

**Gráfico 2.4 - Meta para taxa Selic — jan./2017-mar./2022**



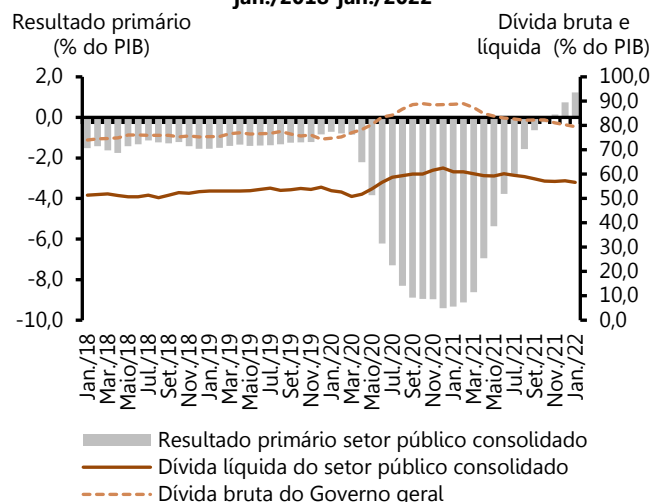
Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2022a).

Pelo lado das contas públicas, houve continuidade no processo de melhora do resultado primário do setor público consolidado, que encerrou janeiro com superávit de 1,2% do PIB (R\$ 108,2 bilhões) no acumulado dos últimos 12 meses (Gráfico 2.5). Esse é o terceiro mês consecutivo com resultado positivo nessa base de comparação, o que não ocorria desde outubro de 2014.

O comportamento da dívida pública permaneceu em trajetória de melhora iniciada em 2021. A dívida líquida do setor público (DLSP) alcançou 56,6% do PIB em janeiro de 2022, 5,6 pontos abaixo do patamar de dezembro de 2020. O mesmo ocorreu com a dívida bruta do Governo geral (DBGG), que foi reduzida de 88,8% em dezembro de 2020 para 79,6% do PIB em janeiro de 2022 (Gráfico 2.5).

<sup>2</sup> Expectativas de mercado do **Relatório Focus** de 18.03.2022.

**Gráfico 2.5 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2018-jan./2022**

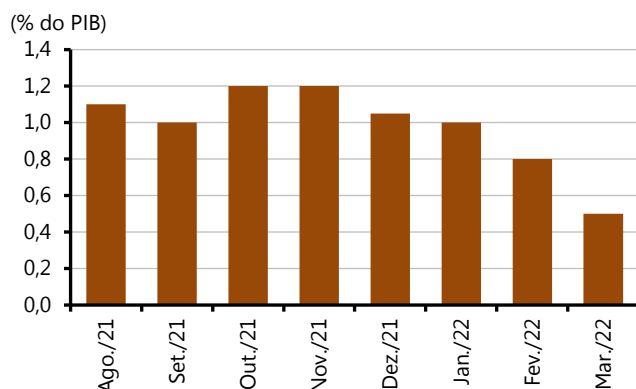


Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2022b).

Com essa melhora, as previsões de resultado primário para 2022 foram elevando-se ao longo de 2021, e chegaram a 1,2% do PIB nas expectativas de outubro e novembro (**Gráfico 2.6**). Ressalta-se que, a partir de dezembro, elas começaram a se reduzir, sobretudo em função dos efeitos esperados da “PEC dos precatórios” sobre as contas públicas, com a maior redução tendo ocorrido entre fevereiro e março, depois que ficaram mais claros os efeitos econômicos mundiais da guerra entre Rússia e Ucrânia. Neste último mês<sup>3</sup>, já se esperava um superávit primário de 0,5% do PIB.

Para dívida líquida e bruta também se espera uma piora dos atuais patamares até o final do ano. De acordo com o Relatório Focus, as expectativas são de uma dívida líquida de 60,3% e de uma dívida bruta de 82% em 2022.

**Gráfico 2.6 - Previsões para o resultado primário do setor público consolidado do Brasil em 2022**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2022c).

Em suma, o cenário monetário tornou-se mais apertado para 2022, em comparação com o que se esperava na época do número anterior deste boletim. O cenário fiscal, apesar da melhora do curto prazo, também apresenta desafios para este e os próximos anos.

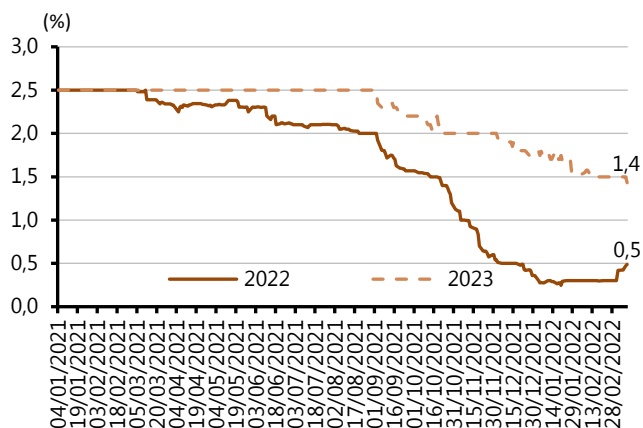
## 2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO

Por fim, o cenário para 2022 ainda é cercado por incertezas. Por um lado, os efeitos da pandemia vêm reduzindo-se, permitindo o retorno gradual à normalidade e impulsionando o consumo, principalmente de serviços. Embora o risco da necessidade de novas medidas de isolamento seja baixo no momento, novas variantes, como a Ômicron ao fim de 2021 e a Deltacron em 2022, ainda geram efeitos econômicos adversos por induzirem parte da população ao autoisolamento, dificultando a recuperação econômica. Ainda, a inflação de dois dígitos continua a corroer o poder de compra dos consumidores, as dificuldades de reorganização da cadeia de suprimentos global permanecem e, mais recentemente, foram intensificadas com a guerra entre Rússia e Ucrânia. Os efeitos ecoam não apenas nos dois países envolvidos no conflito, mas sobre todo o comércio mundial, inclusive o Brasil — em especial, nos que diz respeito à disponibilidade de oferta e aos preços de *commodities* energéticas, alimentares e fertilizantes. Ao mesmo tempo, há um ciclo de aperto monetário em curso, que busca conduzir a inflação, no médio prazo, à meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional, em um ambiente de atividade econômica ainda fragilizada, guerra no exterior e ano eleitoral.

Nesse contexto, o mercado tem revisado sistematicamente para baixo as projeções de crescimento para 2022 e 2023 desde o ano passado, com poucas exceções, a exemplo do período de estabilidade no início do ano corrente (**Gráfico 2.6**). As projeções mais recentes, de 11.03.2022, são de crescimento de 0,5% para 2022 e de 1,4% para 2023.

<sup>3</sup> Expectativa de 18.03.2022.

**Gráfico 2.6 - Expectativas de crescimento para 2022 e 2023 do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 04 de janeiro de 2021 a 11 de março de 2022**



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2022c).

## 3 CENÁRIO INTERNO — RS

### 3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No 4.º trim./2021, a economia gaúcha apresentou crescimento de 3,3% em relação ao 3.º trim./2021, na série com ajuste sazonal (**Tabela 3.1**). Tal expansão veio após queda verificada no trimestre anterior, quando o desempenho negativo da agropecuária foi determinante para a retração daquele período. O aumento do PIB neste último trimestre esteve associado ao crescimento do Valor Adicionado Bruto (VAB) de todos os três setores, notadamente da agropecuária (12,9%) e da indústria (2,1%). Os serviços cresceram apenas 0,3% nessa base de comparação.

**Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — 4.º trim./2021**

	(%)	
ATIVIDADES	4º TRIM/2021 3º TRIM/2021 (1)	2021 2020
<b>PIB</b> .....	3,3	10,4
Impostos .....	-	9,7
VAB .....	3,2	10,5
Agropecuária .....	12,9	67,5
Indústria .....	2,1	9,7
Serviços .....	0,3	4,1

Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2021b).

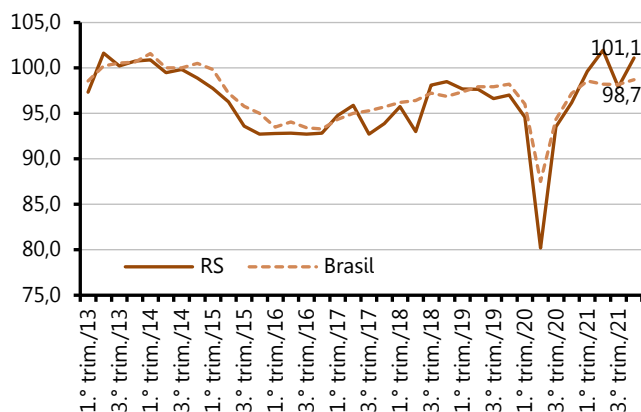
(1) Com ajuste sazonal.

No acumulado do ano, a taxa de expansão de 10,3%, a maior taxa anual desde 1993, deve ser entendida como resultado da forte recuperação da economia gaúcha após um ano (2020) de importantes quedas ocorridas na agropecuária, na indústria e nos serviços. No primeiro caso, pelos efeitos da estiagem, e nos dois últimos, principalmente pelos efeitos da pandemia do novo coronavírus. Nesse contexto, a agropecuária cresceu 67,5%, a indústria, 9,7%, e os serviços, 4,1%. É importante notar que a retomada ocorrida ao longo de 2021 não apenas recuperou os níveis de produção de 2020, como foi além, apresentando crescimento de 2,9% sobre os níveis de 2019. Em termos setoriais, a agropecuária cresceu 18,1% entre 2021 e 2019, e a indústria, 3,6%. O único setor a não recuperar totalmente os níveis de 2019 foi o de serviços, com queda de 0,7%.

Como resultado do desempenho de 2021, o PIB do Rio Grande do Sul alcançou seu terceiro maior nível, ficando abaixo apenas do registrado no 2.º trim./2021, período do maior impacto da recuperação da safra em 2021, e do 2.º trim./2013, trimestre anterior ao início da grande recessão por que passou o Brasil e, por

consequência, o Rio Grande do Sul. Em relação ao 4.º trim./2019, trimestre imediatamente anterior ao início dos efeitos da pandemia e da estiagem sobre a economia no Estado, o nível atual encontra-se 4,2% acima (**Gráfico 3.1**).

**Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1.º trim./2013-4.º trim./2021**



Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2022b).  
IBGE (2021g).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

Conforme comentado, em 2021 a agropecuária não apenas recuperou as perdas ocasionadas pela estiagem do ano anterior, como alcançou a maior safra da história. Para isso, foram preponderantes as quantidades colhidas de soja e de trigo, as maiores já registradas no Estado. De menor impacto na taxa de crescimento, também apresentaram taxas positivas as produções de arroz, fumo e milho, que, juntamente com a soja e o trigo, são as cinco principais culturas agrícolas do Estado (**Tabela 3.2**).

**Tabela 3.2 - Variação da área plantada, da quantidade produzida e do rendimento médio dos principais produtos agrícolas de verão do Rio Grande do Sul — 2021/2020**

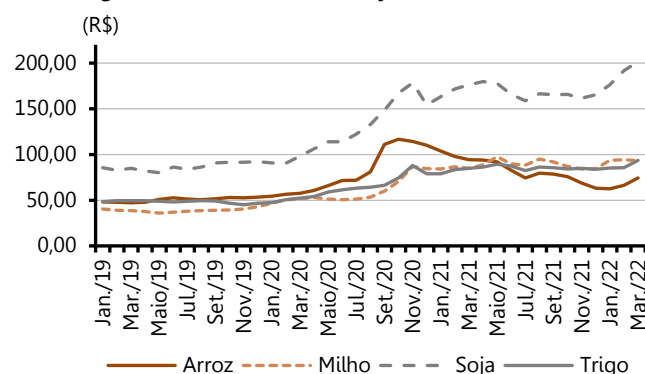
PRODUTOS	ÁREA PLANTADA (ha)	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	RENDIMENTO MÉDIO (t/ha)
Arroz .....	-0,2	6,8	7,0
Fumo .....	-4,2	19,4	24,7
Milho .....	3,8	4,3	0,5
Soja .....	2,1	80,8	77,0
Trigo .....	28,8	68,5	30,8

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE,2022b).

Os preços desses produtos continuam em patamares elevados, em relação aos praticados ao longo de 2019 (**Gráfico 3.2**). Em termos reais (corrigidos pelo IPCA), as maiores altas de preços ocorreram no milho e na soja, mas, também, no arroz e no trigo. Os preços

desses grãos, que já vinham altos, portanto, sofreram novo impulso com a guerra na Ucrânia, que impactou os preços das *commodities* em geral e das alimentares especificamente, dada a importância que a Ucrânia e a Rússia possuem na oferta desses produtos, notadamente de milho e de trigo.

**Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-mar./2022**



Fonte: Emater-RS (2022).

Nota: Valores constantes a preços de fev./2022, corrigidos pelo IPCA.

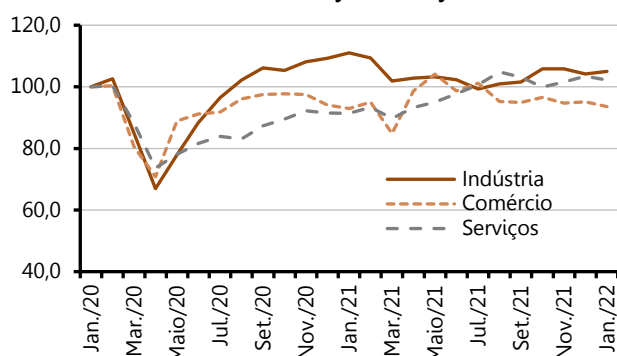
Se, por um lado, os agricultores estão recebendo mais por sua produção, por outro, os custos também estão altos e em crescimento. Uma combinação de preços internacionais elevados, resultado do desequilíbrio entre a demanda em alta e a oferta em baixa, além de problemas logísticos, elevou os custos de produção ao longo de 2021, em especial dos fertilizantes. Esse quadro agravou-se com o início do conflito no Leste Europeu, dada a relevância dos dois países em sua oferta.

Para 2022, além desses problemas com custos elevados, a agricultura gaúcha enfrenta uma nova estiagem, com reflexos já sentidos nas principais culturas. Estimativas de março do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam perdas de 10,6% no arroz, 31,1% no milho, 15,0% no fumo e 53,5% na soja. A partir desses dados, que podem sofrer alterações durante os meses seguintes, a expectativa é de que o VAB da agropecuária apresente forte retração em 2022.

O bom desempenho da agropecuária em 2021 transbordou para outras atividades. No caso da indústria de transformação, o ramo que apresentou a maior taxa de crescimento ao longo do ano foi o de máquinas e equipamentos, que tem como principal subsetor no Estado a produção de máquinas e implementos agrícolas. Além do fornecimento à agricultura gaúcha e brasileira, o setor também se beneficiou do aumento das exportações para países da América do Sul principalmente.

De modo geral, a indústria de transformação apresentou forte expansão em 2021. Em relação a 2020, ano bastante afetado pela pandemia, o VAB do setor cresceu 11,8%. Entretanto, dentro do próprio ano de 2021, a produção industrial gaúcha não teve um bom desempenho. O nível de dezembro de 2021 encontrava-se 4,7% abaixo do nível de dezembro de 2020 (**Gráfico 3.3**). Houve uma pequena melhora após agosto, mas nada muito expressivo. O lado positivo é que esse movimento foi na contramão do ocorrido no Brasil, que viu os dados da produção industrial piorarem no segundo semestre do ano.

**Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-jan./2022**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2022c).

Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2022d).

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2022e).

Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

No acumulado de 2021 sobre 2020, os ramos que mais impactaram positivamente no desempenho da indústria de transformação foram os de máquinas e equipamentos (35,5%), produtos de metal (19,0%), derivados de petróleo (12,8%) e couros e calçados (16,5%). Somente dois ramos apresentaram queda no período, veículos automotores, reboques e carrocerias (-11,4%) e produtos do fumo (-4,4%). Para além do crescimento do mercado interno, a maioria das atividades industriais do Estado beneficiou-se do aumento das exportações, que tiveram, em 2021, um desempenho bastante positivo.

As vendas do comércio, como era de se esperar em um ano de recuperação, também tiveram expressivo crescimento em 2021. O VAB do setor cresceu 6,6% no acumulado do ano, em relação a 2020. Mas, de modo parecido com o desempenho da indústria de transformação, o comércio também apresentou retração dentro do ano. Após atingir um pico em maio, o

volume de vendas passou a cair de forma consistente. Em janeiro de 2022, o nível encontrava-se 10,1% abaixo do verificado no quinto mês do ano anterior. O aumento da inflação, dos juros e a estagnação da renda do trabalho são elementos que ajudam a explicar esse desempenho negativo recente.

No acumulado do ano, na comparação com igual período do ano anterior, os ramos que se destacaram positivamente foram os de outros artigos de uso pessoal e doméstico (30,2%), tecidos, vestuário e calçados (22,1%) e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (16,7%). As quedas mais importantes ocorreram nos ramos de móveis e eletrodomésticos (-4,7%) e de hipermercados e supermercados (-5,6%).

Os serviços, setor que mais demorou para recuperar as perdas ocasionadas pela pandemia, cresceram de forma praticamente ininterrupta até agosto de 2021. A partir desse mês, seu volume manteve-se em patamar relativamente estável, sem uma trajetória que indicasse desaceleração ou aceleração. No acumulado do ano, os serviços mensais, medidos pelo IBGE, apresentaram expansão de 12,1%, desempenho puxado principalmente pelos serviços prestados às famílias (33,5%) e pelos transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (19,8%). Os serviços de informação e comunicação (3,7%) foram o ramo de menor crescimento no período. Em janeiro de 2022, os serviços tiveram queda de 1,1% em relação ao mês anterior.

## 3.2 SETOR EXTERNO

Ao longo de 2021, o mercado externo contribuiu de forma bastante positiva para a expansão da atividade econômica do Estado. No acumulado do ano, as exportações gaúchas alcançaram o valor de US\$ 21.133,4 milhões, um crescimento de 50,3% em relação a 2020 (**Tabela 3.3**).

A recuperação da produção agrícola do Estado após a forte estiagem de 2020 fez com que as vendas externas dos produtos da agropecuária apresentassem, ao longo de 2021, a maior taxa de crescimento entre as principais atividades produtivas, com alta de 94,8%, desempenho influenciado, principalmente, pelas vendas de soja para a China.



**Tabela 3.3 - Valor das exportações acumulado no ano, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — jan.-dez. 2021 e jan.-fev. 2022**

ATIVIDADES	JAN-DEZ/21		JAN-FEV/22	
	Valor (US\$ 1.000)	Variação %	Valor (US\$ 1.000)	Variação %
Produtos agropecuários ....	6.808.717	94,8	647.184	353,7
Produtos alimentícios .....	4.572.873	32,1	803.661	45,7
Produtos químicos .....	1.764.578	66,8	285.136	56,4
Produtos do fumo .....	1.173.791	-8,8	340.859	42,8
Máquinas e equipamentos	1.087.913	56,6	172.393	33,0
Celulose e papel .....	1.072.418	55,0	64.799	-29,7
Couros e calçados .....	970.511	44,5	168.934	30,0
Produtos de metal .....	813.294	61,3	105.791	29,5
Veículos automotores, carrocerias e reboques .....	684.140	0,5	141.402	42,5
Produtos de borracha e Plásticos .....	327.098	21,9	55.694	32,7
Outros produtos .....	1.858.088	49,4	310.024	52,8
<b>VALOR TOTAL .....</b>	<b>21.133.422</b>	<b>50,3</b>	<b>3.095.878</b>	<b>63,6</b>

Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2022a).

A expansão foi expressiva, também, nas vendas de produtos industriais, que se beneficiaram da maior demanda externa, igualmente em recuperação após os piores efeitos da pandemia sobre a atividade econômica mundial, e do câmbio desvalorizado. Na indústria, entre as principais atividades, as maiores elevações ocorreram em produtos químicos (66,8%), produtos de metal (61,3%), máquinas e equipamentos (56,6%) e celulose e papel (55,5%). De outro lado, foi registrada queda nas exportações de produtos do fumo (-8,8%), única retração entre as 10 maiores atividades exportadoras em 2021.

China, Estados Unidos e Argentina mantiveram-se nas três primeiras colocações entre os principais destinos das vendas externas do Estado em 2021. E os maiores aumentos, entre os 10 maiores compradores, ocorreram para Holanda (178,6%), China (81,2%) e Vietnã (63,3%). Outros destaques foram os aumentos expressivos para a Índia (353,9%) e para o Irã (197,9%), respectivamente 13.º e 23.º principais destinos das vendas externas do Rio Grande do Sul em 2021.

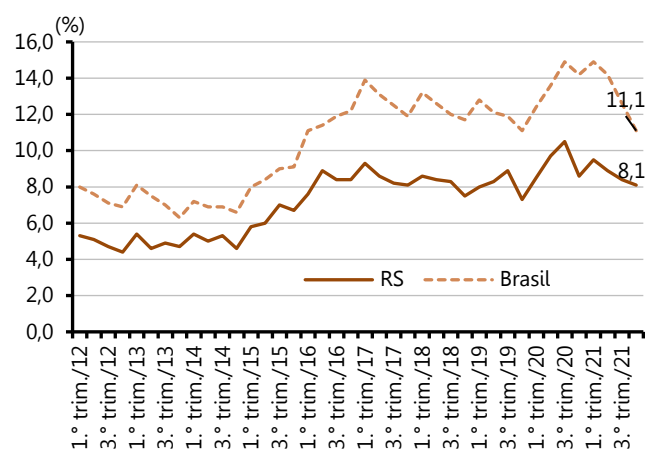
A forte expansão das exportações do Estado manteve-se durante os dois primeiros meses de 2022. Em relação ao mesmo período do ano anterior, o aumento foi de 63,6%, impulsionado principalmente pelo crescimento das vendas de produtos agropecuários, cuja alta de 353,7% foi determinada pelo acréscimo das exportações de soja, ainda da safra de 2021, e de trigo, cuja produção foi recorde no último inverno. As vendas industriais também continuaram a crescer, notadamente

as de produtos químicos, produtos alimentícios, produtos do fumo e veículos automotores, carrocerias e reboques.

### 3.3. MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho do 4.º trim./2021 apresentou melhora na ocupação pelo quinto trimestre seguido, mas não acompanhada pela massa de rendimentos. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados do 4.º trim./2021 foi de 5.673 mil pessoas, significando crescimento tanto em relação ao 4.º trim./2020 (mais 317 mil) quanto em relação ao 3.º trim./2021 (mais 100 mil). Quando a comparação é realizada com o 4.º trim./2019, último trimestre livre dos efeitos da pandemia, a defasagem ainda é de 146 mil pessoas, indicando que a ocupação no Rio Grande do Sul ainda não recuperou seu patamar pré-pandemia. A taxa de desocupação passou para 8,1% no 4.º trim./2021, um recuo em relação às taxas do 4.º trim./2020 (8,6%) e do 3.º trim./2021 (8,4%) (**Gráfico 3.4**). A melhora na ocupação não foi acompanhada pela massa real de rendimentos, que apresentou queda de 1,7% em relação ao 4.º trim./2020 e redução de 2,2% na comparação com o 3.º trim./2021. Isso ocorreu em função da retração dos rendimentos médios reais no período, afetados negativamente pela alta da inflação.

**Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2021**

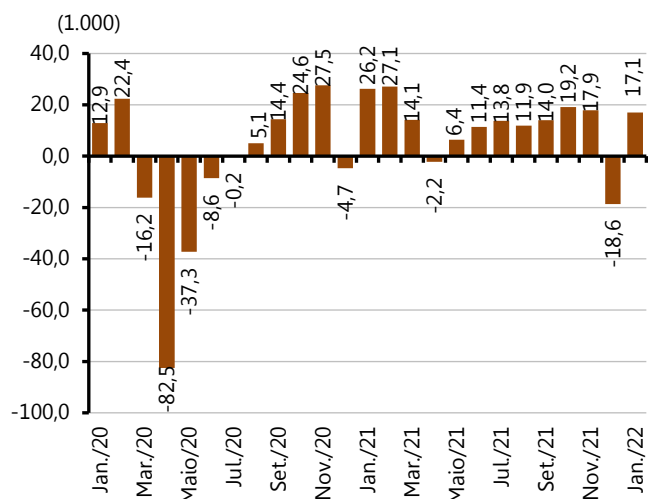


Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2022f).

A criação de empregos formais também continuou apresentando bons resultados nos últimos meses de 2021 e no primeiro mês de 2022 (**Gráfico 3.5**). A única exceção foi o mês de dezembro, tradicionalmente negativo. No acumulado dos últimos 12 meses

terminados em janeiro de 2022, o saldo entre admitidos e desligados foi de 132.000 pessoas. Por atividade econômica, os maiores saldos foram registrados nos serviços (55.710), na indústria de transformação (38.458) e no comércio (30.524).

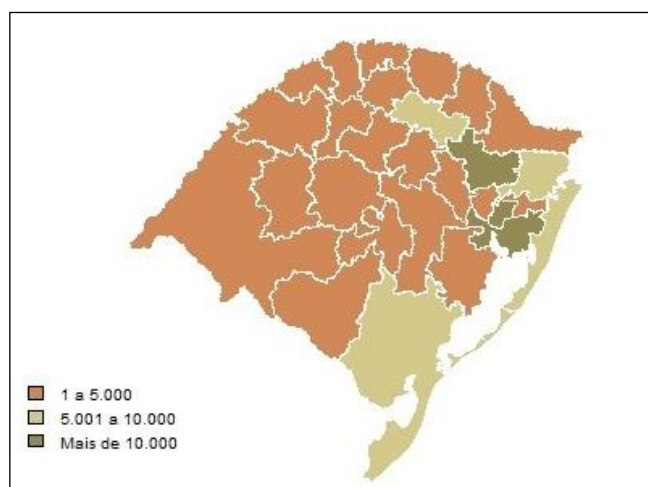
**Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-jan./2022**



Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2022b).

Regionalmente, também no acumulado em 12 meses, todas as 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram saldos positivos na criação de empregos formais (**Figura 3.1**). As maiores expansões ocorreram nos Coredes Metropolitano Delta do Jacuí (29.813 pessoas), Vale do Rio dos Sinos (23.697) e Serra (15.634).

**Figura 3.1 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — acumulado em 12 meses terminados em jan./2022**



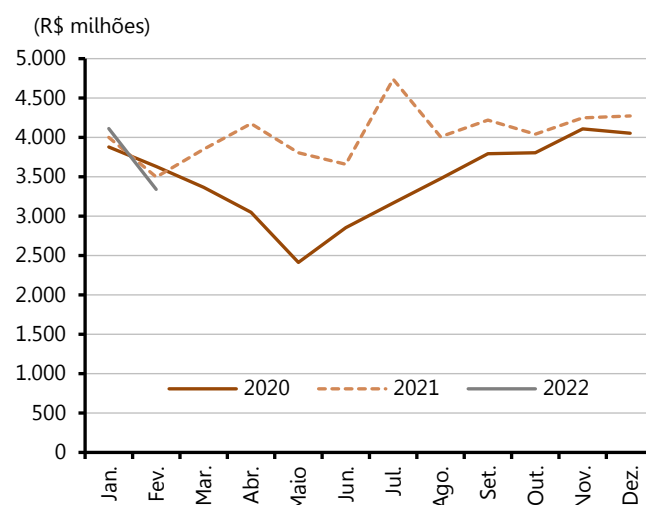
Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2022b).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve saldo positivo em 442, sendo os maiores registrados em Porto Alegre (18.840), Caxias do Sul (7.265), Novo Hamburgo (7.066), Passo Fundo (4.889), Canoas (4.045), Pelotas (3.500) e Gramado (2.690).

### 3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

Entre janeiro e dezembro de 2021, o valor arrecadado com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul, a preços constantes de fevereiro de 2022, alcançou R\$ 48.519,1 milhões, um acréscimo real de 16,7% em relação ao montante arrecadado no ano anterior (**Gráfico 3.6**). Setorialmente, houve variação positiva dos valores arrecadados nas atividades de outras indústrias (39,0%), do comércio (16,8%), da indústria de transformação (15,9%), das agregadas em outros serviços (12,2%) e da agropecuária (4,9%). Apenas a atividade de informação e comunicação apresentou variação negativa no período (-9,3%).

**Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2020-2022**



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (RIO GRANDE DO SUL, 2022a).  
Nota: Valores constantes a preços de fev./2022, corrigidos pelo IPCA.

Já nos primeiros dois meses de 2022, a arrecadação de ICMS apresentou pequena queda, de 0,6%, em relação ao mesmo período de 2021. Para tal resultado, pesou a retração dos valores cobrados do comércio (-6,4%), consequência, pelo lado estritamente econômico, do mau desempenho da atividade nesse começo de ano, conforme já indicado anteriormente.

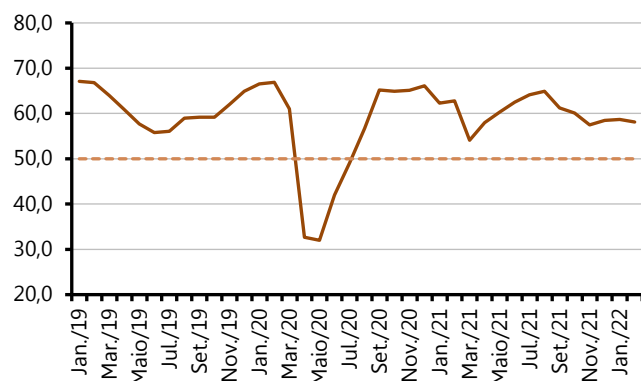
### 3.5 PERSPECTIVAS

As perspectivas da economia gaúcha para 2022 são bastante ruins. A lista de questões que, neste início de ano, já estão impactando seu desempenho é longa: estiagem, efeitos da guerra, efeitos do coronavírus, inflação e juros altos, e perspectiva de baixo crescimento da economia brasileira.

Analisando setorialmente, os dados já indicam que a agropecuária do Estado sofrerá, principalmente no primeiro semestre, forte impacto negativo em função da estiagem. Conforme já comentado, as mais recentes estimativas do IBGE já mostram que o setor deverá ter, em 2022, severas perdas, com reflexos diretos e indiretos sobre outras atividades econômicas.

Pelo lado da indústria de transformação, as perspectivas também não são boas. Atividades ligadas à agropecuária, como a de máquinas e equipamentos, produtos do fumo e produtos alimentícios, sofrerão os impactos da retração no setor. De modo mais geral, efeitos da guerra e do crescimento de casos de coronavírus, principalmente na China, poderão ter impacto sobre o setor industrial, através da diminuição do crescimento mundial e de problemas com as cadeias de suprimento. Internamente, inflação e juros altos, com efeitos sobre o custo das empresas, aliados ao muito provável baixo dinamismo da demanda interna ao longo do ano, serão empecilhos para o crescimento do setor. Todas essas questões encontram o empresário industrial gaúcho com o índice de confiança em queda desde agosto de 2021 (**Gráfico 3.7**).

**Gráfico 3.7 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-fev./2022**

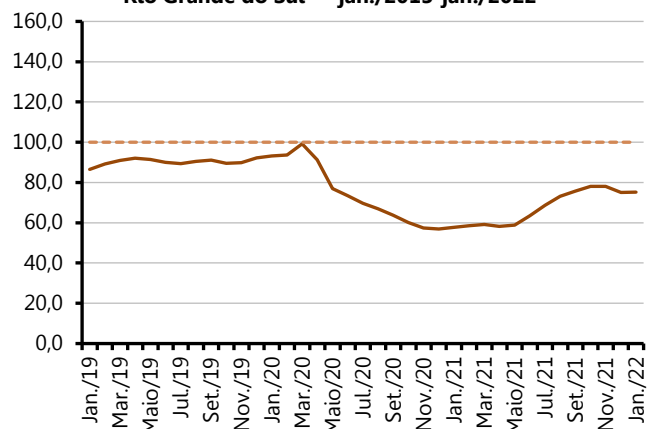


Fonte: FIERGS (2022).

Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

De modo geral, as mesmas questões que afetam a indústria de transformação também têm potencial de impactar o comércio. É sabido que, no interior do Estado principalmente, o desempenho das vendas do comércio está relacionado com o desempenho do Setor Primário. Com a estiagem, o impacto sobre o comércio será negativo. As questões macroeconômicas também terão efeito negativo, principalmente as ligadas ao aumento dos preços, ao encarecimento do crédito via elevação dos juros, e à estagnação da renda do trabalho. Todas essas variáveis somam-se ao já baixo dinamismo do comércio nos últimos meses, conforme se depreende dos dados das vendas já analisados e do indicador de intenção de consumo das famílias gaúchas, que ainda se encontra em terreno pessimista (**Gráfico 3.8**).

**Gráfico 3.8 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-jan./2022**



Fonte: Fecomércio RS (2022).

Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

A junção de todas essas questões indica um 2022 bastante difícil para a economia gaúcha. À perspectiva de diminuição do crescimento mundial, principalmente em função do conflito entre Rússia e Ucrânia e de seus desdobramentos, soma-se o provável baixo crescimento da economia brasileira, consequência de problemas externos e, principalmente, internos. Afora isso, no caso do Rio Grande do Sul, ainda é adicionada a questão da estiagem, velha conhecida e que sempre traz enormes prejuízos para a economia do Estado.

## PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

**Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — set./2021-fev./2022**

DISCRIMINAÇÃO	SET/21	OUT/21	NOV/21	DEZ/21	JAN/22	FEV/22	(%)
<b>Índice de atividade econômica</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,28	2,34	1,48	-3,51	-	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,35	1,92	4,65	0,98	-	-	
Acumulado em 12 meses .....	6,50	6,84	7,37	7,43	-	-	
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,60	-0,06	0,51	0,33	-	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,03	-1,44	0,94	1,30	-	-	
Acumulado em 12 meses .....	4,33	4,40	4,52	4,50	-	-	
<b>Produção industrial</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,63	4,17	0,00	-1,60	0,81	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-4,25	-1,90	0,98	-4,55	-6,29	-	
Acumulado em 12 meses .....	11,81	11,25	10,53	8,70	7,47	-	
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,47	-0,59	0,00	2,85	-2,43	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-4,09	-7,81	-4,32	-4,92	-7,20	-	
Acumulado em 12 meses .....	6,44	5,64	5,01	3,93	3,14	-	
<b>Comércio</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,43	2,18	-1,55	-0,60	-0,74	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-3,85	-2,48	0,10	1,22	-0,46	-	
Acumulado em 12 meses .....	3,37	2,94	3,30	3,97	4,77	-	
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,82	-0,73	0,63	0,31	-0,31	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-3,95	-6,99	-2,92	-2,74	-1,42	-	
Acumulado em 12 meses .....	6,98	5,75	5,07	4,48	4,64	-	
<b>Serviços</b>							
Rio Grande do Sul							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-1,57	-3,19	1,65	1,85	-1,14	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	18,73	11,33	10,22	13,27	11,29	-	
Acumulado em 12 meses .....	6,29	8,46	10,07	12,13	14,03	-	
Brasil							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,64	-1,61	2,94	1,69	-0,10	-	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	11,49	7,37	10,23	10,98	9,45	-	
Acumulado em 12 meses .....	6,77	8,14	9,54	10,94	12,24	-	
<b>Preços</b>							
IPCA-Porto Alegre							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,53	1,14	0,96	0,83	-0,53	0,43	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	11,37	11,93	12,11	10,99	10,13	9,66	
IPCA							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,16	1,25	0,95	0,73	0,54	1,01	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	10,25	10,67	10,74	10,06	10,38	10,54	
IGP-DI							
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,55	1,60	-0,58	1,25	2,01	1,50	
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	23,45	20,97	17,17	17,74	16,71	15,34	

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2022a).

Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2022c).

Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2022d).

Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2022e).

Banco Central do Brasil (2022).

## REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2022a. Disponível em:  
<https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais – v2.1**. Brasília, DF: BCB, 2022b. Disponível em:  
<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Tabelas Especiais**. Brasília, DF: BCB, 2022c. Disponível em:  
<https://www.bcb.gov.br/estatisticas/tabelasespeciais>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BANCO MUNDIAL. **Global economic prospects**. Washington, DC: World Bank, jan. 2022a.

BANCO MUNDIAL. **World Bank commodity price data**. Washington, DC: World Bank, 2022b.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2022a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: janeiro 2022. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2022b. Disponível em:  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNWl5NWl0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWl2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOTYmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 18 mar. 2022.

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em:  
[http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos\\_semanais.php#.YMq11ahKjIU](http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMq11ahKjIU). Acesso em: 18 mar. 2022.

FECOMÉRCIO RS. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em:  
<http://fecocomercio-rs.org.br/pesquisas/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

FIERGS. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em:  
<https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022a. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 25 mar. 2022a.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 08 abr. 2022.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022c. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Mensal de Comércio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022d. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Mensal de Serviços**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022e. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – Divulgação Trimestral — 4.º trimestre de 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022f. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – Referência 2010 – 4º trimestre 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2022g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 18 mar. 2022.

IMF. **World economic outlook update:** rising Caseloads, a Disrupted Recovery, and Higher Inflation. Washington, DC: International Monetary Found, jan. 2022.

OECD. **OECD economic outlook, interim report.** Paris: OECD Publishing, mar. 2022a.

OECD. **OECD.Stat:** quarterly national accounts. Paris: OECD, 2022b.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados.** Porto Alegre: SEFAZ, 2022a. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral.** Porto Alegre: SPGG/DEE, 2022b. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 18 mar. 2022.



**NOVAS FAÇANHAS**

NO PLANEJAMENTO,  
GOVERNANÇA E GESTÃO

[dee.rs.gov.br](http://dee.rs.gov.br)